
A escola étnico-comunitária de Arroio Canoas/ Barão/RS: práticas da escola italiana

*School ethnic community-Stream
Canoas/Baron/RS: italian school of practice*

Fernanda Rodrigues Zanatta*

Resumo: O presente texto tem por objetivo apresentar as iniciativas e práticas da escola étnico-comunitária italiana na comunidade de Arroio Canoas, interior do Município de Barão/RS. Este trabalho constitui um exercício investigativo sobre a transição da escola étnica para a escola pública, no período de 1930 a 1960, período da nacionalização do ensino, analisando se as políticas públicas educacionais levaram em consideração a diversidade cultural. A metodologia e o referencial teórico utilizados são da História Cultural, através de um Paradigma Indiciário, por meio do uso de fontes historiográficas e de documentos escolares, tais como: livros-ata, diários de classe e correspondências; fotografias, termo de visitas e relatos orais com “guardiões da memória” e professores ou alunos do período. Considera-se também a importância da representação, que há no emprego da cultura italiana, valorizando a história local, via pesquisa em história cultural, em que se analisa a

Abstract: This paper aims to present the initiatives and practices of school-community ethnic Italian community of Arroio Canoas, within the municipality of Baron RS. This study is a research exercise on the transition from school to school ethnic public, in the period 1930 to 1960, during the nationalization of education, examining whether the public educational policies take into account cultural diversity. The methodology and theoretical framework used is that of Cultural History, by an Evidential Paradigm, through the use of historiographical sources, school documents such as books, minutes, diaries and correspondence class, photographs, term visits and oral accounts of “guardians of memory” and teachers or students of the period. It is also considered the importance of representation that is in the employment of Italian culture, highlighting the local history through research in cultural history, which examines the history “from

* Mestranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* Fernandazanatt@gmail.com

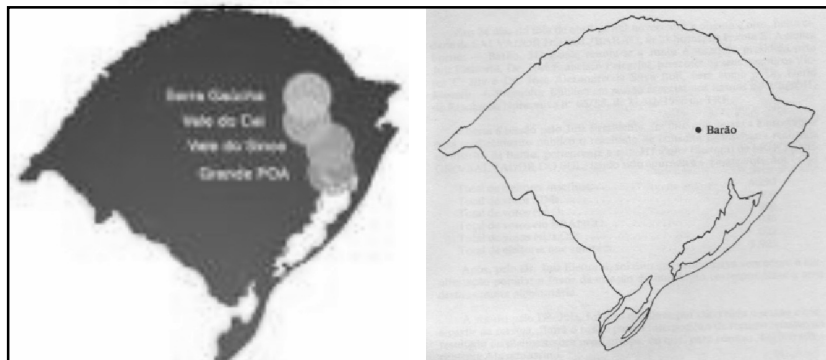
história “vinda de baixo”. O texto enfatiza a iniciativa da comunidade italiana de organização escolar comunitária, bem como as práticas escolares e, dessa forma, contribui para ampliar os conhecimentos da história da educação regional e brasileira.

Palavras-chave: Práticas escolares. Escola italiana. Cultura escolar.

below”. The text emphasizes the initiative of the Italian community by the community school organization and school practices and thus helps to broaden the knowledge of the history of education in the region and Brazil.

Keywords: School practices. Italian school. School culture.

Em 24 de maio de 1870, o presidente da Província criava as colônias Conde D’Eu e Dona Isabel. Localizavam-se elas colônias entre o rio Caí, os campos de Vacaria e o Município de Triunfo. Conforme De Boni, tomava-se por divisa entre ambas o caminho de tropeiros que seguia do Maratá em direção ao rio das Antas; situaram-se a primeira colônia à esquerda, e a segunda à direita do mesmo caminho. No ano de 1875, na Província de São Pedro, chegaram imigrantes da Europa, inclusive da Itália. Desse país, os imigrantes passaram a ocupar as referidas colônias. É nessa região que se encontra o atual Município de Barão, que é divisor da Região da Serra, Região de Colonização Italiana (RCI) e região do Vale do Caí, com municípios que mesclam as culturas ítalo e teuto, com predominância da última.



Fonte: Arquivo Municipal de Barão.



A história de Barão iniciou e com a vinda de famílias imigrantes alemães e italianas. Posteriormente, ainda no século XIX, em menor número, afluíram para o local, também, imigrantes franceses-suíços e holandeses e, mais recentemente, na metade do século XX, portugueses e bolivianos. As primeiras famílias de imigrantes alemães foram: Mayer, Bäckebach, Neuhaus, Stein, Schmitz, Koch, Ebeling, Blei, Schäfer, Neukamp, Selbach, entre outras. As de imigrantes italianos: De Marchi, Biasetti. Dal Prá, Grando, Basso, Cerutti, Maragnon, Bedini, Cestari, Bassegio, Grespan, Costa, entre outras.

Esses imigrantes deixaram profundas raízes, influenciando e estabelecendo uma cultura com seus hábitos e costumes, sua culinária, suas crenças e fizeram da agricultura sua fonte de renda para se manter e sobreviverem na terra desconhecida.

A influência religiosa sempre foi marcante nos grupos de imigrantes. Ainda no começo do século XX, Carlos Selbach e Luiz Calliari exerceram influência decisiva na comunidade sendo, este último, Mestre da Capela. Até 1916, as celebrações religiosas eram feitas na residência de João Schmitz, músico, regente de coral, doador do primeiro harmônio para a comunidade católica baronense.

As culturas, germânica e italiana, são as mais significativas devido à origem de seus habitantes sendo os seus hábitos e costumes muito ligados a ela mesmo com a evolução da sociedade.

Os imigrantes alemães, que chegaram ao nosso estado, a partir de 1824, começaram a se instalar na região dos Rios Sinos e Caí. Também os italianos vieram mais tarde se instalar na região:

Depois de terminada a estrada Buarque de Macedo e quando os proprietários das terras intercaladas entre Maratá e Garibaldi começaram a vender frações delas, os colonos alemães foram se instalando Serra acima, atingindo Linha Bonita, Salvador, parte de Barão, sendo que nesse distrito encontraram já os italianos, que dali para diante predominaram inteiramente em número, no rumo de Carlos Barbosa, Garibaldi, Bento Gonçalves e adiante. (KAUTZMANN, 1978, p. 108).

Em meio a essa diversidade cultural, o presente texto é parte da pesquisa de Mestrado intitulada *Diversidade cultural e as políticas públicas educacionais*: a proposta educacional de Barão de 1930 a 1960, e tem por objetivo pesquisar a escola italiana na comunidade de Arroio Canoas no período de 1930 a 1960, buscando compreender as iniciativas de

escolarização, a cultura escolar instituída e instituinte e a dinâmica escolar vivenciada pelos imigrantes e seus descendentes.

Dessa forma, pesquisar e sistematizar fontes primárias, que se refiram ao processo escolar da escola italiana de Arroio Canoas, bem como analisar o processo escolar da referida escola considerando a cultura escolar produzida, as relações de identidade e diferença, as relações étnicas e compreender a prática escolar vivida nas diferentes culturas e suas inter-relações constituem o escopo desta pesquisa.

Muito já se escreveu sobre imigração italiana, porém a pesquisa, com base na história cultural, com um olhar que parte das instituições de ensino, aqui, no caso, a escola de Arroio Canoas, é algo novo. A partir desse enfoque, a pesquisa e o tema ganham outro significado e, por isso, contribuem para a construção de outros saberes, a busca de outras fontes de pesquisa, outras memórias, muitas dessas, ficaram às escondidas, porque ficaram à margem da história oficial. A História Cultural resgata essas fontes e contribui para uma atividade, que corresponde ao desejo de produzir saber e conhecimentos via narrativa histórica.

A narrativa histórica constrói-se a partir de significados sendo, ao mesmo tempo, resultado deles. Dessa forma, é conduzido pelas contribuições da perspectiva da História Cultural, tendência hegemônica da historiografia atual, que propõe uma nova forma de interrogar a realidade, tomando por base temas do domínio da cultura e salienta o papel das representações.

Para Pesavento (2003), a História Cultural é considerada a instância cultural e a produção de sentidos sobre o mundo, construída pelos homens do passado, passando a se traduzir o mundo a partir da cultura, olhando para os fios, o tecer da trama histórica, um outro modo de fazer história.

Nessa busca pela cultura escolar necessita-se fazer uma desconstrução dos documentos e das práticas escolares, dos tempos e espaços envolvidos no processo. Na busca por indícios que facilitem a compreensão do processo e da cultura escolar, é que a narrativa proposta se constrói ressignificando as práticas escolares na escola italiana, com o desafio de relacionar tais práticas com a diversidade cultural, presente na região pesquisada.

Em Barão, na comunidade de Arroio Canoas, inicialmente, as residências serviam de escola e houve, conforme Migot (1989), oito prédios escolares, situados em locais diferentes. Entre essas está a escola de italianos mantida inicialmente pela comunidade. Ressalta-se que em



Barão também havia escolas étnico-comunitárias alemãs. As escolas étnico-comunitárias foram, conforme Kreutz (s.d.), muito importantes para os imigrantes, especialmente entre os alemães. As escolas étnicas eram “aulas” elementares que ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo. Na maioria dos casos, eram instituídas por iniciativa das próprias comunidades.

O presente texto é fruto de investigação sobre a iniciativa escolar por meio da implementação das escolas “para italianos” pelo grupo de imigrantes e descendentes, estabelecido na comunidade de Arroio Canoas, Distrito de Barão, Município de Montenegro. Trata-se da escola para italianos na comunidade de Navegantes e da Escola Municipal de número 50, posteriormente denominada Marechal Deodoro da Fonseca, situada em Canoas da Boa Vista, no Quarto Distrito de Barão, Município de Montenegro, região habitada por imigrantes e descendentes de italianos.

Na comunidade de Arroio Canoas, havia escolas (“aulas”) para italianos e alemães. Escola de italianos havia duas, em duas regiões de Arroio Canoas. Uma delas estava localizada na região com mais predominância de italianos. É a escola que Jema Scottá, 89 anos, frequentou. Conforme seu relato, houve um tempo em que todo o ensino era ministrado em italiano; até os livros eram em italiano. Ela lembra também que a catequese era dada em italiano. Depois, veio outra professora, que não sabia a língua italiana e não foi mais permitido o uso dessa língua por alguns anos. Destaca ela que isso dificultou bastante o entendimento da “aula”. Embora Jema Scottá não se recorde da data, tudo indica que foi no período de nacionalização. Ela também se recorda que, como material escolar, havia um *quadrinho*, uma *tabuinha*, que “se escrevia e se apagava”. Ressalta também que pouco aprendiam, iam todos os dias pra aula, mas como eram muitos, em torno de quarenta a cinquenta alunos, “cada um lia um pouco, escrevia um pouco, algumas palavras e o nome e, [ao] meio-dia iam para o roça”. Essa escola foi construída nas terras de Diácomo Deitos, próxima de onde hoje reside Ana Deitos, também ex-aluna dessa “aula”. Ali foram desenvolvidas atividades escolares até a construção da primeira Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, 1927, quando, conforme Migot (1989) “foi transportada e reconstruída, pela comunidade da igreja, nos fundos desta, servindo de salão de festa por ocasião das “sagras” que eram em 2 de fevereiro, 15 e 16 de agosto e, com menor expressão em 8 de dezembro”.





Recorda, também Jema Scottá que “depois foi construída uma nova escola que serviu para as festas da comunidade. Essa nova escola ficava mais perto da igreja”. Ou seja, a comunidade tomava a direção dos assuntos religiosos e educacionais. Após a nacionalização, a escola também recebia inspetores para os exames finais. O prédio era bastante precário. Posteriormente, a Prefeitura de Carlos Barbosa assumiu a escola, tornando-se uma “aula municipal”. Mais tarde, essa mesma escola passou a ser estadual e, mais recentemente, novamente foi municipalizada.




Também havia a “escola dos italianos”, em outra região de Arroio Canoas, em Sagrado Coração de Jesus, região de colonização predominantemente alemã. Essa escola era regida pela professora Maria Ernestina de Andrade Machado, que passou a lecionar lá a partir de 1938, tendo surgido sete anos antes que a “escola dos evangélicos”, localizada na referida comunidade, onde havia a maior concentração de italianos e, mais tarde, veio a ser a região italiana, denominada “Gaúcho”, em Arroio Canoas, Distrito do Município de Barão. Migot (1989) explica que, era a escola que ficava nas terras de Heitor Scottá, a “dos italianos”. Em 15 de agosto de 1940, a sociedade Canoas é que respondia pela educação dos filhos, pela escola. Anterior a isso, em 1938, a professora Maria Ernestina de Andrade foi designada a trabalhar nessa “aula”. Nos arquivos escolares consta que já em 1941 denominava-se “municipal”. Migot destaca:

Em 1940, pela portaria n. 61, do município de Montenegro, assinado por Carlos Gustavo Jahn, concede subvenção à Profª Maria Ernestina, por estar lecionando em dois turnos na 50ª aula, localizada em Canoas, 6º Distrito. (1989, p. 548).

A administração municipal de Montenegro atendia à educação na região de forma muito precária. Atualmente, a escola que deu continuidade ao seu trabalho e até hoje está em funcionamento é a escola que representa a unificação das duas escolas que havia nessa região de Arroio Canoas: a escola dos italianos e a escola dos alemães, hoje denominada EMEF Sagrado Coração de Jesus com predominância de alunos de origem alemã, ou seja, fica localizada na área onde há maior número de moradores de origem alemã.


Mas durante muito tempo, houve, segundo Migot (1989), divergências entre as duas “áreas” de Arroio Canoas, que eram de diferentes origens e também intrigas por não aceitarem a mistura de






nacionalidades também na igreja. O autor salienta que, quando a região dos italianos de Arroio Canoas deixou de fazer parte da Paróquia de Garibaldi e passou a pertencer a Salvador do Sul, região de alemães, a comunidade de italianos logo não aceitou a ideia de ter um padre alemão, que “pudesse falar em alemão na missa e trouxesse idéias da cultura alemã, como os Kerbs, por exemplo, para a comunidade italiana”. Os mesmos enviaram um ofício solicitado a não alteração da paróquia.

Conforme Hentz (1998), alemães e italianos não se entendiam, e também não se sabe ao certo o que determinou essa dificuldade de convivência. Para ele, certamente, a língua prejudicou a comunicação, a diferença de costumes e hábitos de convivência e outros aspectos da cultura determinaram essas atitudes preconceituosas. Hentz destaca que uma das causas pode ter sido a disputa de domínio entre Capuchinhos e Jesuítas



A história registra que, em pouco tempo, Arroio Canoas trocou cinco vezes de paróquia entre Garibaldi e São Pedro (São Pedro da Serra). Essas trocas hora [sic] agradavam italianos e hora [sic], alemães, criando toda essa situação de conflito. Os mais idosos contam que em determinada época ficaram tão exaltados que os domingos foram repartidos entre as duas etnias podendo ocupar a igreja e fazer seu culto e orações alternadamente os italianos e os alemães”. (HENTZ, 2008).



Na escola, quem sabia mais ensinava quem sabia menos, pouco ou nada, conforme consta no arquivo escolar. O histórico escolar segue informando que as aulas eram particulares, mantidas pelos pais. Em 1930, foi criada a Escola Municipal Deodoro da Fonseca que, inicialmente, era frequentada somente por italianos, pois os alemães ainda frequentavam a chamada “Aula Paroquial Sagrado Coração de Jesus”.

A escola municipal, ao menos uma vez por ano, recebia a visita da inspeção para a realização de exames finais ou como visita de rotina. Os exames de inspeção, conforme consta nas atas, eram realizados por uma comissão que era composta por autoridades educacionais do governo e locais, como o subprefeito, por exemplo, além de pais de alunos. Sempre no início dos exames, havia a abertura formal com a entoação do Hino Nacional, que também era cantado no fim da solenidade.

Conforme consta nas atas, nas visitas realizadas, era observado o cumprimento do “Programa de Instrução Pública Municipal” que ali

estava a cargo da professora. Entre 1941 e 1952, a professora Maria Ernestina Andrade Machado lecionou nessa localidade. Os exames finais representavam uma atividade muito formal, pois nas atas estava separado o número de alunos por ano, com menção ao número de presentes e ausentes. No caso dos reprovados, também eram listados seus nomes em ata. Em algumas delas, consta o nome somente dos aprovados e, em outros anos, há o registro de reprovados, sempre por primeiro, mas também de aprovados. Em algumas atas, há menção àqueles que foram “aprovados plenamente”, àqueles que tinham “grau” mais elevado.

É possível notar que não havia uma sequência na listagem de alunos de um ano para outro, ou seja, não constam os nomes de muitos dos alunos que eram reprovados ou até daqueles que eram aprovados, na lista do exame final do ano seguinte. É possível concluir que não havia uma continuidade nos estudos, mesmo daqueles que obtinham êxito. Também a palavra “comparecerem” indica que eram comuns as ausências nesse período. Seria consequência do fato de não estarem preparados? Seria pelo fato de a professora senti-los não preparados? Nota-se também que havia um número considerável de reprovados, embora nos últimos anos, a comissão, ao acrescentar na ata o “parecer da comissão” passou a tecer muitos elogios à professora regente. O parecer da comissão foi positivo nos anos de 1943 e 1944, pois, conforme a ata, as exigências do Programa da Instrução Pública Municipal e o exame em diferentes matérias atingiram os objetivos. Na ata há muitos elogios à professora:

Dedicada, zelosa, cumpridora fiel de seus deveres na árdua tarefa que desempenha, faz honra ao magistério público municipal, e em vista de tudo isso a comissão examinadora não pode deixar de consignar aqui um voto de louvor à mesma. (Ata de 1944 – arquivo escolar).

Ainda: “A professora desempenha sua árdua tarefa com desempenho e carinho. Voto de louvor a digna professora.” (Ata de 1946 – arquivo escolar).

A comissão reunia, como já mencionado, subprefeito, professora, assistente substituto, examinador, poucos pais e seguia uma ordem como descrito nas atas. Era cantado o Hino Nacional na abertura, realizavam-se os exames, posteriormente, cantava-se o Hino à Bandeira ou cânticos cívicos. Após, eram feitas as correções e elaborada a ata para constar os resultados. A partir dos exames realizados, os alunos eram classificados em graus variados de aproveitamento.



Em algumas atas, consta que a comissão também observava cadernos e trabalhos manuais: “lindos trabalhos manuais”.

Havia uma normatização dada pelo Decreto 8.020, de 29 de dezembro de 1939m que apresentava programas mínimos, que procurava imprimir uma orientação uniforme para “adequar a escola às exigências e aspirações do meio a que recolhe o aluno, aos modernos estudos sobre a criança e às exigências da vida social criadas pela civilização em nossos dias”.

Em relação às escolas étnico-comunitárias alemãs de Barão e às italianas de Arroio Canoas, não há menção nas atas de que houvesse problemas com a língua utilizada, nem aconselhamento no sentido de que a professora deveria se integrar às normas de nacionalização, como foi encontrado em registros de escolas étnico-comunitárias alemãs, quando da nacionalização do ensino. Isso permite a conclusão de que na escola dos italianos (inicialmente, em ambas, fazia-se o uso da língua respectiva), que posteriormente à nacionalização, essa questão foi mais facilmente contornada, embora houvesse também dificuldade de entendimento.

As atividades cívicas se faziam presentes na escola seguindo as orientações daquele período. Na Ata 18 do Livro de Atas da Aula Marechal Floriano Peixoto, encontramos a descrição do Dia da Independência, dia 7 de setembro de 1959, onde os alunos da então Escola Municipal Marechal Deodoro da Fonseca, regidos pelo professor Arsênio Kafer realizaram o seguinte programa

Nove horas, hasteamento da Bandeira Nacional com o Hino Nacional cantado pelos alunos. Dez horas terço na capela em honra da padroeira do Brasil, para que proteja o nosso querido Brasil. Doze horas almoço para todas as crianças e alunos servido num matinho próximo. Quatorze horas, hora cívica assistida pelos pais dos alunos. Nº 1 Hino da Independência, nº 2 versos das alunas Silma Kafer do 2º ano e Iloni Ongaratto também do 2º ano, nº 3 seguem diversos cantos cantados pelos alunos, nº 4, versos das alunas Nelci Scottá do 3º ano, Norma do 2º ano e Luísa Benelli do 2º ano, nº 5 seguem mais cantos cantados pelos alunos, nº 6 Versos dos alunos Sérgio Scottá do 3º ano, silvestre Thums do 3º ano das alunas Selmira Kafer do 3º ano e norma Graff do 2º ano e Valmir do 1º ano. Odila Chies do 3º ano e Laci Kafer do 3º ano. Para encerrar foi cantado o hino a Bandeira, em seguida se recolheu a Bandeira. Nada mais havendo a constar eu Arsênio Kafer, professor contratado regente de classe lavrei a presente ata para que

conste. Arroio Canoas aos 7 de setembro de 1959.
(Livro ata n. 01 da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus. Acervo da Escola).

Considerações finais

Algumas conclusões parciais referem-se ao fato de que na referida comunidade houve uma rivalidade entre as duas etnias, os chamados atritos étnicos. Isso foi percebido tanto na religiosidade quanto na educação, embora esse fato não tenha impedido que, no espaço entre as duas escolas, que ficavam próximas, em torno de 100 metros, conforme Hentz, os alunos de ambas brincassem juntos. Tal rivalidade permanece até hoje, em duas regiões que se destacam em Arroio Canoas, interior de Barão/RS.

Em comparação com documentos de escolas étnico-comunitárias alemãs percebe-se que houve – ao menos é o que revelam os documentos – uma maior facilidade para a escola italiana, na prática da professora, de adaptar-se à nova legislação, quando da nacionalização do ensino, visto que, nas atas, a professora é bastante elogiada pelo seu trabalho, pelo cumprimento da sua “ádua tarefa” e por não haver nenhuma menção em relação à cultura italiana, o que poderia prejudicar as normas de nacionalização, ainda que foi mencionado, na primeira escola, o fato de que a abolição da língua tenha gerado dificuldades. Só há transparência quanto à desconsideração da diversidade cultural em relatos orais.



Referências

- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A.; SALVAGNI. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EST; Vozes, 1982.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. Barão. *Os novos municípios gaúchos*. Comissão de Estudos Municipais. Porto Alegre: Corag, 1988.
- HENTZ, Laurindo. *Festa do Centenário de Fundação da Capela Sagrado Coração de Jesus 100 anos de história de Arroio Canoas* – Barão. Carlos Barbosa: Imprensa Barbosense, 1998.
- KAUTZMANN, Maria Eunice Muller. *Montenegro de ontem e de hoje*. São Leopoldo: Rotermund, 1978.
- KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane M. T. et al. (Org). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.
- KREUTZ, Lúcio. A escola teuto-brasileira católica e a nacionalização do ensino. In: MÜLLER, Telmo Lauro. *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1994.
- KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. In: *Fronteiras – Revista Catarinense de História*, Santa Catarina: UFSC; Anpuh-SC, n. 13, 2005.
- KREUTZ, Lúcio. *Escolas étnicas de imigrantes: o Brasil, alemães no Brasil*. s.d. Manuscrito.
- KREUTZ, Lúcio. *Escolas étnicas dos imigrantes alemães no Brasil*. s.d. Manuscrito.
- LUCHESI, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2007.
- MIGOT, Aldo. *História de Carlos Barbosa*. Caxias do Sul: Educus: 1989.
- PESAVENTO, Sandra J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica: a Associação de Professores e a escola Normal*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1996.
- SELBACH, Jacob Cristhiano. *Barão: um bom lugar para se viver! Bom Princípio: Dominó*, 2008b.

Recebido em 7 de junho de 2010 e aprovado em 15 de setembro de 2010.